

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

RAFAELA PEREIRA DE FREITAS

“Gíria de Favelado”: identidade(s) linguística(s) atribuída(s) aos moradores de favelas
por usuários da rede social X

RIO DE JANEIRO

2024

Rafaela Pereira de Freitas

“Gíria de Favelado”: identidade(s) linguística(s) atribuída(s) aos moradores de favelas por usuários da rede social X

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/ Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Protti Christino

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

F866? Freitas, Rafaela Pereira de "Gíria de Favelado":
identidade(s) linguística(s) atribuída(s) aos
moradores de favelas por usuários da rede social X
/ Rafaela Pereira de Freitas. -Rio de Janeiro,
2024.
46 f.

Orientadora: Beatriz Protti Christino.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português
Literaturas, 2024.

1. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA. 2. O CAMPO
DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS. 3. O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO. 4. BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DAS FAVELAS. I. Christino, Beatriz Protti,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por simplesmente tudo.

À minha avó, minha mãe, meu pai e meu irmão, por estarem sempre ao meu lado, apoiando-me em todas as minhas decisões e torcendo pelas minhas vitórias. A toda a minha família, por sempre se fazerem presentes e por todo apoio e carinho fundamentais nesta caminhada.

À minha orientadora, Beatriz, que sempre se fez disponível e presente durante toda a pesquisa. Sua paciência, apoio, generosidade e comentários pertinentes foram fundamentais ao longo do processo. Te escolher como minha orientadora foi um dos meus maiores acertos. A paixão que eu percebia nos seus olhos ao ensinar Variação Linguística no meu primeiro período na faculdade era inspiradora. Foi uma sorte imensa você ter aceitado embarcar nessa comigo. Obrigada por tudo.

À professora Manuella Carnaval, por disponibilizar seu tempo para ser a leitora crítica desta pesquisa.

A todos os meus amigos que me apoiaram durante a minha trajetória acadêmica e ajudaram direta ou indiretamente.

À Faculdade de Letras, que eu não poderia deixar de agradecer por tudo que me proporcionou ao longo desses cinco anos. Aos amigos incríveis que fiz durante esse período e que estiveram ao meu lado em todos os momentos, vocês foram fundamentais.

Por último, e, definitivamente, não menos importante, agradeço à Rafaela do passado por não desistir do sonho de estudar na UFRJ. Você conseguiu.

RESUMO

O presente estudo consiste em uma análise acerca das atitudes linguísticas, manifestadas por usuários, referentes à identidade linguística de moradores de favela dentro de um ambiente específico: a rede social X, antigo *Twitter*. Utilizamos como embasamento teórico os estudos da sociolinguística variacionista, apoiando-nos em autores como Coelho *et al.* (2015), Faraco (2008), Martellota *et al.* (2011), Mollica e Braga (2003), Tarallo (2007). Também tomamos como fundamento o campo dedicado ao exame das atitudes linguísticas, tal como apresentado por Bisinoto (2007; 2008; 2023), e, por fim, os estudos de Bagno (2007) acerca do preconceito linguístico. Para que nossa investigação fosse realizada, foram selecionados 57 *posts* encontrados através das seguintes palavras-chave: favela + língua; favela + linguagem; favela + falar; favela + gíria; favelado + língua; favelado + linguagem; favelado + falar; favelado + gíria. É importante ressaltar que utilizamos uma metodologia similar à empregada na monografia de Fernandes (2023). Assim, a partir do processo de estabelecimento do *corpus*, foi composto um levantamento que considerou cinco critérios de análise, verificando, em cada um dos *posts*: (1) a presença ou não de adjetivos ou caracterizações; (2) a presença ou não de referência a dados linguísticos; (3) a presença ou não de elementos não-verbais; (4) a presença ou não expressa de citação. Além disso, a pesquisa levou em conta se, no texto do *post*, o autor se autodeclara (ou não) favelado. A apresentação dos resultados foi dividida em três quadros, a saber: Quadro 1, registrando presença de adjetivos ou caracterizações nos *posts*, sendo “favelado/a” o mais utilizado, com 35 ocorrências, sendo que em 28 foi utilizado de forma pejorativa, desvalorizando a identidade linguística do favelado; Quadro 2, registrando a presença de referência a dados linguísticos, reunindo no total 22 diferentes palavras e expressões; e Quadro 3, relativo à presença de elementos não-verbais, reunindo no total 13 elementos não-verbais, sendo memes e os emojis “😏” e “😬” os mais utilizados, todos com 2 ocorrências, em sua maioria empregados para ridicularizar a linguagem da favela. Em relação aos critérios “presença expressa de citação” e “autor se declara favelado” não foi elaborado nenhum quadro, devido ao número bastante reduzido de ocorrências verificadas, 3 e 5, respectivamente. Constatamos, por fim, que, em sua maioria, ocorrem manifestações ofensivas diretas em relação à identidade linguística dos moradores de favela, evidenciando o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Atitudes Linguísticas; Preconceito Linguístico; Identidades Linguísticas; Linguagem da Favela.

ABSTRACT

This study conducts an analysis of linguistic attitudes expressed by users regarding the linguistic identity of residents of favelas within a specific environment: the social network X, formerly Twitter. The theoretical framework is based on variationist sociolinguistics studies, drawing support from authors such as Coelho *et al.* (2015), Faraco (2008), Martellota *et al.* (2011), Mollica and Braga (2003), Tarallo (2007), as well as the field dedicated to examining linguistic attitudes as presented by Bisinoto (2007; 2008; 2023). Additionally, the study draws on Bagno's (2007) research on linguistic prejudice. To conduct this investigation, 57 posts were selected using the following keywords: favela (slum) + language; favela + speech; favela + slang; favelado (slum resident) + language; favelado + speech; favelado + slang. It is noteworthy that a methodology similar to that employed in Fernandes (2023) monograph was used. Thus, a corpus was established, and an analysis was conducted based on five criteria, for each post: (1) presence or absence of adjectives or characterizations; (2) presence or absence of references to linguistic data; (3) presence or absence of non-verbal elements; (4) presence or absence of explicit citation. Furthermore, the study considered whether the author has self-identified himself as a slum resident in the post text. The results were presented in three tables: Table 1, recording the presence of adjectives or characterizations in posts, with “favelado/a” being the most used term, occurring 35 times, of which 28 were used pejoratively, devaluing the linguistic identity of slum residents; Table 2, documenting the presence of references to linguistic data, gathering a total of 22 different words and expressions; and Table 3, concerning the presence of non-verbal elements, totalizing 13 elements, with memes and emojis “🤔” and “😏” being the most utilized, each with 2 occurrences, predominantly used to ridicule slum language. Regarding the criteria of “explicit citation” and “author self-identification as slum resident” no tables were prepared due to the significantly low number of occurrences found, 3 and 5, respectively. Finally, the study concludes that the majority of the analyzed posts feature direct offensive manifestations regarding the linguistic identity of favela residents, highlighting linguistic prejudice.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; Linguistic Attitudes; Linguistic Prejudice; Linguistic Identities; Slum Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ferramenta busca avançada do X.....	25
Figura 2 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica.....	26
Figura 3 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica.....	26
Figura 4 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica.....	26
Figura 5 - Post descartado, critério sem associação direta entre a linguagem e a favela	27
Figura 6 - Post descartado, critério sem associação direta entre a linguagem e a favela	27
Figura 7 - Post descartado, critério sem associação direta entre a linguagem e a favela	27
Figura 8 - Post U16.....	29
Figura 9 - Exemplo 1 de Grupo 1	31
Figura 10 - Exemplo 2 de Grupo 1	31
Figura 11 - Exemplo 3 de Grupo 1	31
Figura 12 - Exemplo 1 de Grupo 2	31
Figura 13 - Exemplo 2 de Grupo 2	32
Figura 14 - Post U23.....	35
Figura 15 - Post U07.....	36
Figura 16 - Post U45.....	36
Figura 17 - Post U51.....	36
Figura 18 - Post U55.....	37
Figura 19 - Post U56.....	37
Figura 20 - Post U37.....	38
Figura 21 - Post U52.....	38
Figura 22 - Post U57.....	39
Figura 23 - Post U12.....	39
Figura 24 - Post U17.....	40
Figura 25 - Post U01.....	41
Figura 26 - Post U47.....	42
Figura 27 - Post U14.....	42
Figura 28 - Post U41.....	43
Figura 29 - Post U34.....	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro-síntese dos critérios de análise	29
Quadro 2 - Resultado da aplicação do critério “presença de adjetivos ou caracterizações”	33
Quadro 3 - Resultado da aplicação do critério “presença de referência a dados linguísticos” .	37
Quadro 4 - Resultado da aplicação do critério “presença de elementos não-verbais”	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de posts reunidos de acordo com as palavras-chave selecionadas.....28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS	13
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	13
2.2 O CAMPO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	15
2.3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	17
2.4 BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FAVELAS	21
3 METODOLOGIA	24
3.1 MATERIAL DE ANÁLISE E PROCESSO DE ESTABELECIMENTO DE <i>CORPUS</i>	24
3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE	28
4 ANÁLISE.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Na cultura brasileira está enraizada a suposição de que determinadas variedades linguísticas são superiores a outras, havendo algumas, consideradas corretas, e outras, vistas como erradas. Essa concepção gera um grave problema: o preconceito linguístico, que afeta e prejudica os falantes das variedades não padrão e que são taxadas como “erradas” e inferiores pelos grupos socialmente dominantes.

Tarallo (2007) destaca que, para a Sociolinguística Laboviana, língua e sociedade andam lado a lado, de modo que, se as pessoas mudam, a língua também está sujeita a mudanças e em constante transformação. Segundo Bagno (2007), se faz necessário reconhecer que qualquer tentativa de padronização do uso de uma língua não representa a realidade, é apenas uma idealização subjetiva e apoiada, historicamente, em preconceitos de classe, que acabam resultando no preconceito linguístico, manifestado, no caso desta pesquisa, no ambiente digital onde tem se tornado cada vez mais comum.

Assim, percebi diante da experiência adquirida ao longo da universidade, a necessidade de reconhecer a língua portuguesa como um idioma rico em variação e de incorporar isso ao ensino, mostrando aos alunos que o português brasileiro vai além do pregado pela gramática normativa. Dessa forma, vale ressaltar que a relevância desta pesquisa, se evidencia tanto para o campo científico, visto que a questão da identidade social dos moradores de favela (geral, não só linguística) é uma questão central em nossa sociedade, conforme discutido por Valladares (2005), como para o campo social. Observa-se, assim, que o estudo das atitudes linguísticas acerca da identidade linguística dos moradores de favela ajuda a entender como as variações linguísticas desempenham um papel fundamental nas interações sociais, além do professor colaborar para a diminuição e conscientização acerca do preconceito linguístico sofrido pelos moradores dessas regiões periféricas, que, de acordo com Bagno (2007), também é decorrência de um preconceito social.

Por fim, o último (mas, também importante) fator motivador para a construção desse trabalho surgiu a partir de uma inquietação pessoal ao assistir um vídeo na rede social *TikTok*. Seu autor, Danrley Ferreira, morador da favela da Rocinha, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, afirma nele o quanto as pessoas que moram nesse ambiente e, até ele mesmo em seus próprios vídeos, são alvo de comentários recheados de preconceito linguístico. Pelo uso constante das redes sociais, fui notando, muitas vezes, comentários de usuários às atitudes linguísticas que marcavam presença naquele espaço. Assim, surgiu o interesse de me basear no campo da sociolinguística variacionista, das atitudes linguísticas e do preconceito linguístico.

Embora as redes sociais não sejam um ambiente em que se cobre obediência às diretrizes da gramática normativa, ainda assim, a linguagem considerada “de favelado” é criticada e menosprezada nesses espaços, como trataremos nesta pesquisa com mais exemplos e contextos reais. Diante disso, desenhou-se o objetivo geral desta pesquisa: analisar o preconceito linguístico direcionado contra a identidade linguística dos moradores de favela, através de um levantamento de *posts* realizados por usuários da rede social X, antigo *Twitter*. Vale lembrar que, desde o ano de 2023, o *Twitter* passou a se chamar X e os famosos *tweets*, mensagens publicadas na plataforma, passaram a se chamar *posts*, sendo assim, nesta pesquisa serão considerados os nomes atuais.

De forma mais específica, buscou-se reunir exemplos de *posts* na rede social X significativos em relação a visões acerca da identidade linguística atribuída aos moradores de favela, de forma a verificar as atitudes linguísticas expressas pelos autores dos *posts*; levantar adjetivos e caracterizações atribuídos a essa identidade no *corpus* reunido; analisar, ainda, a presença de referência a dados linguísticos mencionados nesses *posts*. Constatamos, por fim, que, em sua maioria, ocorrem manifestações ofensivas em relação à identidade linguística dos moradores de favela, evidenciando o preconceito linguístico.

Ademais, para realizar as investigações foram utilizados referenciais teóricos postulados por Coelho *et al.* (2015), Faraco (2008), Mollica e Braga (2003), Tarallo (2007), entre outros, para o entendimento dos estudos da Sociolinguística Variacionista, inspirada nos trabalhos de William Labov. Esses referenciais fornecem embasamento para a discussão acerca das Atitudes Linguísticas, tal como apresentada por Bisinoto (2007; 2008; 2023), e do Preconceito Linguístico proposto nos estudos de Bagno (2007).

Com os objetivos indicados acima, este trabalho se organiza em cinco capítulos para além desta introdução. O capítulo a seguir apresenta os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, sendo subdividido em quatro partes que abordam, respectivamente: a Sociolinguística Variacionista; o campo das Atitudes Linguísticas; a discussão acerca do Preconceito Linguístico e, por fim, um breve histórico do processo de formação das favelas. No terceiro capítulo, os procedimentos metodológicos adotados são detalhados. Já no quarto capítulo, serão apresentados os resultados do processo de aplicação dos critérios de análise ao corpus e a discussão dos dados levantados. Por fim, no quinto capítulo, serão explicitadas as considerações finais.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Bagno (2007, p. 52), defende que “[...] em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”. A partir dessa perspectiva, esse capítulo aborda, respectivamente, em quatro subseções os seguintes tópicos: a teoria e os conceitos fundamentais da Sociolinguística Variacionista; o conceito de Atitudes Linguísticas; a realidade do Preconceito Linguístico e, por fim, um breve histórico do processo de formação das favelas.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Na década de 1950, surge pela primeira vez o termo “sociolinguística”, que passa a ser explorado dez anos depois nos Estados Unidos com os trabalhos do linguista William Labov, fundador da Sociolinguística Variacionista, que será abordada mais adiante, também denominada de “Teoria da Variação e Mudança Linguística” ou “Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana”. A Sociolinguística surgiu, pois diversos linguistas estavam insatisfeitos com as correntes linguísticas que já existiam, como o Estruturalismo e o Gerativismo. Essas correntes não consideravam a língua como uma instituição social, dessa forma, acabavam afastando o objeto de estudo da linguística — que é compreender a capacidade da linguagem humana “através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua dos sinais)” (MARTELOTTA *et al.*, 2011, p. 21) — da realização da língua de fato, em situações reais de interação social. Tarallo (2007, p. 7) aponta que foi Labov quem voltou a dar mais atenção ao componente social e “insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.”

Mollica (2003, p. 9) propõe a seguinte definição em relação à Sociolinguística:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

De modo semelhante, para Cezario e Votre (2011, p. 141):

Para essa corrente [Sociolinguística], a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Podemos compreender, através das conceituações feitas acima, que a Sociolinguística tem a língua em uso como objeto de estudo, focando sua atenção para a comunicação que ocorre no dia a dia dos falantes em suas interações espontâneas, considerando tanto os aspectos da

língua em si quanto os sociais. Essa corrente teórica sublinha, portanto, que a língua está sujeita a variações no espaço e no tempo. Ou seja, essa teoria está mais preocupada com situações reais de uso da língua em que “supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com *o como* dizer.” (MARTELOTTA *et al.*, 2011, p. 149).

Para a Sociolinguística Laboviana, língua e sociedade andam lado a lado, de modo que, se as pessoas mudam, a língua(gem) também é passível de mudanças e toda mudança linguística pressupõe variação, de acordo com Tarallo (2007). Essa teoria buscou superar a ideia de a língua ser um sistema homogêneo e autônomo, trazendo a possibilidade de se conceber a língua como um sistema caracterizado pela heterogeneidade ordenada. Isto é, por conta de sua heterogeneidade, a língua é um sistema que tem como constitutiva a variação, e a forma como a variação se apresenta obedece a uma ordem. Para fundamentar essa ideia, Faraco (2008, p. 33) afirma que:

No plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea.

Para lidar com os fenômenos em variação, a Sociolinguística propõe as noções de variante e variável. O termo variante é utilizado para identificar formas alternativas de realização de uma variável, ou seja, nada mais é que um modo diferente de expressar o mesmo valor funcional em termos do sistema linguístico, como, por exemplo, no uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Dessa forma, deve ser possível trocar uma expressão por outra dentro do mesmo contexto, mantendo o significado referencial/representacional, de acordo com Coelho *et al.* (2015) e Tarallo (2007).

Já o conjunto de variantes linguísticas é chamado de variável e a heterogeneidade do sistema linguístico se concretiza através destas variáveis. Essas diferentes possibilidades de variação são influenciadas tanto por fatores internos ao sistema linguístico como por fatores externos, de natureza social: etnia, sexo, idade, escolarização, classe social, entre outros. Coelho *et al.* (2015) trazem um exemplo de variável bastante perceptível, em nosso dia a dia de falantes do português brasileiro: a expressão da segunda pessoa do singular na função de sujeito, em que ocorre a alternância entre os pronomes *tu* e *você*.

Mollica (2003) aponta que uma das maiores contribuições dos estudos sociolinguísticos é destruir preconceitos linguísticos em nossa sociedade e relativizar o conceito de erro, visto que focaliza os fatores sociais de prestígio e estigma geralmente presentes entre variantes de uma língua. De acordo com Bagno (2007, p. 47), é possível afirmar que “Toda variedade

lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.” Sendo assim, nenhuma das variedades linguísticas deve ser considerada mais pura, correta ou melhor que outra. Além disso, o autor nos diz:

O reconhecimento da existência de muitas normas lingüísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma lingüística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma lingüística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão. (BAGNO, 2007, p. 18-19)

Não se trata de negar ou desconsiderar a importância do ensino da gramática normativa. O que se defende é que a diversidade social, cultural e regional do país não deve ser desconsiderada no ensino de Português como língua materna - e as diferentes variações linguísticas existentes devem ser levadas em consideração e respeitadas no ensino em sala de aula, para que, dessa forma, o preconceito lingüístico não seja reforçado. Marcos Bagno afirma que é preciso “saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado [...] as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes” (2007, p. 115), o que acaba não ocorrendo nos *posts*, conforme veremos na análise.

E ainda, como destacam Cezario e Votre (2011, p. 152):

[...] a sociolingüística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estrutural e funcionalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno.

A sociolingüística promove, portanto, uma visão menos preconceituosa dos diferentes dialetos. Isso se relaciona diretamente com a identidade lingüística atribuída aos moradores de favela, explorada nesta pesquisa, pois aborda como as atitudes lingüísticas podem ser moldadas e como os professores podem colaborar em desfazer estereótipos lingüísticos e sociais por meio de suas práticas educacionais. Assim, é fundamental que a pesquisa apresentada se apoie na Sociolingüística Variacionista, uma abordagem teórica que oferece suporte para a discussão sobre as Atitudes Lingüísticas, tema central a ser abordado a seguir.

2.2 O CAMPO DAS ATITUDES LINGÜÍSTICAS

Os estudos em atitudes lingüísticas têm despertado crescente interesse no meio acadêmico. Essa linha de pesquisa teve início na década de 1960, com destaque para os trabalhos pioneiros da psicologia social, liderada por Wallace Lambert (1960) e seus associados: Hodgson, Gardner e Fillenbaun. Na área da sociolingüística, Labov contribuiu significativamente, trazendo visibilidade para o tema.

Em sua obra intitulada *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*, Bisinoto (2007, p. 23) conceitua as “atitudes linguísticas” ou “atitudes sociolinguísticas” como “postura, reação ou propósito, mas antes disso há que se considerar os fatores psicológicos e políticos que desencadeiam as atitudes dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro.”

Por acreditar que a atitude linguística e a social revelam-se dimensões complementares, a autora sugere que o termo “atitudes sociolinguísticas” seria mais apropriado para descrever esse complexo procedimento dos falantes e acrescenta que:

[...] a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos. (BISINOTO, 2007, p. 24)

As atitudes sociolinguísticas consistem em julgamentos dos falantes sobre a própria língua e a língua dos outros. Vale ressaltar que essas atitudes podem ser positivas, negativas ou neutras e podem influenciar a forma como uma língua é percebida e utilizada em diferentes contextos sociais. Assim, alguns indivíduos podem ter atitudes positivas em relação a uma variedade linguística específica por considerá-la prestigiosa ou associada a determinado grupo social dominante, enquanto outros podem ter atitudes negativas devido a estigmas sociais ou preconceitos linguísticos, o que impede a difusão dessa variedade ou, mesmo, pode levar a seu desaparecimento.

Ainda a esse respeito, Bisinoto (2007) traz a perspectiva de Labov (1977), que afirma:

[...] as atitudes podem se manifestar como uma tendência regular do sujeito a adotar a norma de prestígio, uma auto-avaliação a respeito da norma, uma reação subjetiva de sensibilidade à norma ou um reconhecimento explícito de um traço linguístico como um estereótipo. (p. 24)

Portanto, as atitudes sociolinguísticas podem ser moldadas por uma série de fatores baseados na experiência de socialização humana do indivíduo, através do contato com diferentes grupos sociais, de suas experiências pessoais, dentre outros. Labov (1977) e Chambers & Trudgill (1994), como aponta Bisinoto (2007), afirmam que certas formas linguísticas carregam consigo estereótipos de fala, que os falantes percebem, avaliam e julgam com base em valores sociais fortemente estigmatizados.

Para Tarallo (2007, p. 14) as atitudes sociolinguísticas são “[...] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado.”. De acordo com essa definição, a partir do momento em que o indivíduo

se posiciona de forma positiva ou negativa diante de uma variedade linguística ou de uma variante específica, ele se reveste de uma identidade que o diferencia de um grupo.

Como neste estudo pretendemos analisar as atitudes sociolinguísticas dos usuários da rede social X em relação à identidade linguística atribuída aos moradores de favela, também é necessário definir o conceito de identidade linguística, delimitado por Bisinoto (2023) como um conjunto de caracterização de um grupo social ou a maneira como um indivíduo se identifica e se vincula a determinado grupo, adotando a variedade linguística desse grupo como sua.

Por fim, verificamos, na análise desta pesquisa, que as atitudes sociolinguísticas são percebidas no comportamento de uma pessoa com relação a outra ou sobre a sua própria língua, reagindo de maneira favorável ou desfavorável diante do contato com as identidades linguísticas atribuídas aos moradores de favela do Brasil. Dessa forma, encerramos esta seção dedicada às atitudes sociolinguísticas, noção central para fundamentar a análise dos *posts* discutidos no capítulo 4.

2.3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Nos vários grupos humanos, existem diversos preconceitos movidos pela intolerância, ignorância e pela desinformação perpetuada na sociedade. Um desses tipos de preconceito é o linguístico, um dos mais naturalizados e concretizados na sociedade brasileira. Diante do exposto, Marcos Bagno (2007, p. 40) em sua obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* propõe a seguinte definição em relação ao preconceito linguístico:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

A fronteira entre o certo e o errado em língua está presente em diversos âmbitos do nosso dia a dia, seja através das escolas, da televisão, dos jornais, das redes sociais, enfim, está presente na comunicação de massa e no senso comum. Esses âmbitos ajudam a contribuir para a disseminação da noção de erro na língua portuguesa por considerarem a norma-padrão e a norma culta as únicas legítimas, em detrimento de todas as outras manifestações linguísticas.

Em seu livro *Língua e liberdade*, Luft (1994, p. 21) dá sua opinião sobre o ensino da língua materna: “um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. Então, deve-se levar em conta que um ensino gramaticalista não traduz a realidade linguística de uma comunidade de falantes, que é determinada por diversos

indivíduos, de classe, de faixa etária, de região e de situação socioeconômica diferentes. Qualquer tentativa de padronização do uso de uma língua não representa a realidade, é apenas uma idealização subjetiva e apoiada, historicamente, em preconceitos de classe.

Bagno (2007, p. 69) em seu Mito nº 8 “*O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social*” ressalta que as classes sociais dominantes possuem acesso a uma boa educação e acabam inferiorizando a linguagem popular. O que deveria ser um direito de todos — a educação — não se concretiza na prática dessa forma; ainda é um privilégio, com as classes desfavorecidas tendo menor acesso à educação formal. Assim, qualquer variedade linguística que fuja da norma culta e seja de menor prestígio social é considerada “errada”, é discriminada e ridicularizada pela elite, que se sente superior às demais classes. Quanto mais seu uso linguístico mostra-se distante dessa norma culta, mais criticado e rebaixado é o falante.

Como se pode observar, a injustiça social no Brasil torna a educação um privilégio visto que existem milhões de brasileiros “sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde” (BAGNO, 2007, p. 16), e se o único português for aquele considerado “culto”, muitos seriam os *sem-língua*, falantes de uma variedade linguística desprestigiada.

De acordo com o autor, o problema não está no que foi dito, em termos das formas linguísticas, em si, mas em quem disse o quê. Assim, as relações sociais na sociedade brasileira colaboram para esse preconceito concretizado na nossa cultura que indica que determinadas variedades linguísticas são superiores a outras, ou seja, o preconceito linguístico também é a manifestação de um preconceito que nunca deixou de ser social. Bagno (2007, p. 69) enfatiza: “ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta”. Ou seja, mesmo os professores de português possuindo conhecimento suficiente da norma culta, isso não faz com que eles, automaticamente, tenham êxito em ascender socialmente.

O fato é que a língua é viva, apresenta heterogeneidade ordenada e regras categóricas e variáveis. Enquanto a língua é algo vivo que vai se modificando com o passar dos anos por estar em constante movimento, passando por diversas transformações, a gramática normativa é estática, vai envelhecendo aos poucos e não acompanha o modo que as pessoas falam ao longo do tempo.

Vale destacar o Mito nº 2 abordado por Bagno (2007, p. 20): “*Brasileiro não sabe português/ “Só em Portugal se fala português*”, enfatizando o preconceito linguístico. Até os dias atuais, o Brasil é visto como inferior, linguisticamente, a Portugal, seu colonizador, como se o único português “correto” e o melhor fosse aquele falado na Europa, ou, mais precisamente,

em Portugal e qualquer outra variante do português é considerada inferior a ele. Isso reflete o “complexo de inferioridade” como se o Brasil fosse até hoje uma colônia. Enquanto o português de Portugal é visto como uma língua “pura” e “correta”, por ser falado pelo branco europeu, o português brasileiro é visto como uma língua “impura” e “errada”, por ser vinculado à miscigenação das culturas existentes durante a colonização e, ainda nos dias atuais, em várias regiões do país. O autor aborda que diversos intelectuais renomados acreditam e afirmam “uma raça que não é ‘pura’ não poderia falar uma língua ‘pura’” (p. 21). Como exemplo disso, temos um trecho de Arnaldo Niskier, presidente da Academia Brasileira de Letras no ano de 1998, em um artigo publicado na Folha de São Paulo, naquele mesmo ano:

[...] pode-se registrar o fato, facilmente comprovável, de que nunca se escreveu e falou tão mal o idioma de Ruy Barbosa. [...] A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo. (NISKIER *apud* BAGNO, 2007, p. 21)

Com efeito, afirmar a ideia de que “brasileiro não sabe português” e que alguém, nascido e criado rodeado pela língua portuguesa no Brasil, não sabe a sua língua materna é preconceito linguístico. Todo brasileiro sabe a sua língua materna, que é adquirida durante os primeiros anos de vida, assim como qualquer outra pessoa sabe a sua língua materna. Não se deve afirmar de um falante da sua língua vernácula que este não domina seu idioma ou não o sabe, unicamente por não conhecer a fundo a gramática normativa. O simples fato de se comunicar em sua língua materna já prova que o falante nativo de Português brasileiro possui um entendimento amplo e pleno da estrutura de sua língua, independentemente dos ensinamentos escolares.

Ademais, é válido ressaltar que muitos que cometem este tipo de preconceito contra formas estigmatizadas não sabem que um fenômeno estigmatizado do atual português não padrão, como o intitulado rotacismo, no qual ocorre a troca do fonema /l/ por /r/ (como em “flamengo/framengo”, “claro/craro” e “flauta/frauta”), contribuiu para a formação da norma-padrão de várias palavras da língua portuguesa, caso de praia, dobro e praça.

Perini (2016, p. 51) relata uma experiência pessoal ocorrida em 2002, quando publicou uma gramática do português falado do Brasil, em inglês, e recebeu muitas críticas desfavoráveis rotulando como “linguagem de favela” e “português inculto” a variedade registrada, por decidir descrever a língua falada dos brasileiros em seu livro. Esse autor destaca, exemplificando, que “expressões como *me dá ele aí* e *eu fui na formatura* não são da linguagem inculta, sendo utilizadas por praticamente todos os brasileiros, quando falam (quando se escreve a história é outra, claro).”

Em um vídeo publicado na rede social *TikTok* em abril de 2023¹, Danrley Ferreira, morador da Rocinha (favela localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro) e ex-participante do *Big Brother Brasil 2019*, reforça essa questão, dizendo que existe um preconceito linguístico com a língua falada por moradores da favela e percebe isso com mais frequência em determinadas esferas, afirmando “nossa fala não é bem vista e aceita em determinados lugares”. Em contraponto, também relata que, muitas vezes, vai adaptando a sua maneira de falar para ser aceito e ouvido nesses espaços, onde as pessoas utilizam a norma culta, para não se sentir um peixe fora d’água, se adequando às situações linguisticamente adversas às quais se expõe. Isso nos remete à afirmação de Faraco (2008) de que cada falante é um camaleão linguístico e mudará sua forma de falar dependendo do ambiente em que está:

[...] variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. (p. 40)

Complementarmente, na série de textos dividida em três partes publicada no site *RioOnWatch*, chamada “A Linguagem da Favela”, escrita por Gitanjali Patel sobre a variedade falada nas periferias do Rio de Janeiro, o rapper Wesley Delírio Black também reafirma a mesma questão abordada por Danrley, em seu vídeo: “A gente pegou a linguagem que não foi feita para a gente, que não é nossa, e criou uma outra linguagem que é nossa e que é riquíssima! Mas ela não é aceita.”. Assim, torna-se evidente que a linguagem é uma forma de afirmar a identidade da favela. Paralelamente a isso, Patel (2016) afirma que:

É pouco provável que essa linguagem seja totalmente aceita como uma forma de falar legítima, uma sina que é compartilhada pelas sociedades periféricas ao redor do mundo. Mas elas são recursos para os membros da comunidade que oferecem um modelo de identificação, uma saída criativa e forma de resistência.

Portanto, podemos perceber, através de relatos dos próprios moradores das favelas, o quanto a linguagem falada e criada por pessoas que moram nesses espaços, como forma de identidade, não é bem vista, não é aceita e é estigmatizada por pertencer a um grupo marginalizado e nada privilegiado da sociedade. Isso frequentemente resulta em exclusão social, ocorrendo o preconceito linguístico por parte da classe social dominante contra a identidade linguística dos habitantes das favelas. Bagno (2007, p. 51) nos diz claramente:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura.

¹ FERREIRA, Danrley. 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMMuTS8k5>. Acesso em: 11 mar. 2024.

Cada variedade linguística possui sua própria beleza e valor cultural, e todas elas contribuem para a riqueza da língua como um todo. É importante reconhecer as variedades da língua, em vez de tentar hierarquizar ou valorizar uma forma sobre as outras. O preconceito linguístico contra moradores de favela, em especial, vai muito além de uma preocupação em atender à norma padrão.

Por fim, visto que analisaremos o posicionamento de usuários da rede social X acerca da identidade linguística dos moradores de favela, ao longo do capítulo 4, com base nos referenciais teóricos abordados durante o capítulo 2, é de suma importância abordar um breve histórico do processo de formação das favelas, para melhor compreender os processos sociais relacionados à questão em foco.

2.4 BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FAVELAS

No Brasil, ao final do século XIX, a atenção estava voltada para a remoção dos cortiços, vistos como o *locus* da miséria, onde habitavam pobres, trabalhadores, vagabundos e malandros, todos considerados parte da chamada “classe perigosa”, conforme Valladares (2005). Devido às condições de vida precárias, os cortiços eram frequentemente associados a epidemias, doenças e violência, o que contribuiu para logo serem vistos como uma ameaça à ordem social e moral. Conseqüentemente, o discurso médico-higienista denunciou e condenou essas habitações e, por meio de legislação, foi proibida a construção de novos cortiços. Foi com base nesses argumentos que, em 1893, o então prefeito do Rio de Janeiro, Barata Ribeiro, autorizou a demolição do Cabeça de Porco, o maior cortiço da cidade naquela época, segundo Valladares (2005).

Muitos estudos sobre os cortiços do Rio de Janeiro defendem que esse tipo de habitação foi o “germe da favela”. Alguns sustentam essa visão porque dentro do próprio Cabeça de Porco já existiam barracos e moradias precárias, que mais tarde seriam identificados nas favelas. Outros associam a ocupação ilegal dos morros da cidade, no início do século XX, à destruição dos cortiços no centro, visto que a alternativa de muitos habitantes que tiveram suas casas destruídas foi migrar para esses morros em busca de moradia.

De início, o termo “favela” era especificamente atribuído apenas ao Morro da Favela, hoje conhecido como Morro da Providência, que naquela época se tornou moradia dos soldados que haviam lutado na Guerra de Canudos e se instalaram ali para pressionar o Ministério da Guerra a pagar os soldos devidos. Valladares (2005) cria uma analogia entre Canudos e os morros cariocas, resultando em seu chamado “mito de origem”. Além disso, o termo surge por dois motivos:

1ª) a planta favela, que dera seu nome ao Morro da Favella – situado no município de Monte Santo no Estado da Bahia – ser também encontrada na vegetação que recobria o Morro da Providência; e 2ª) a feroz resistência dos combatentes entrincheirados nesse morro baiano da Favella, durante a guerra de Canudos, ter retardado a vitória final do exército da República, e a tomada dessa posição representando uma virada decisiva da batalha. (VALLADARES, 2005, p. 29)

O termo favela passou a ser usado como substantivo apenas na segunda metade do século XX, quando uma nova categoria surgiu para descrever qualquer conjunto de barracos aglomerados, de grupos pobres, caracterizados pela ocupação ilegal e irregular, geralmente localizados em encostas (Abreu 1994b: 35 apud Valladares 2005). As favelas eram percebidas, ainda, como lugares onde a presença do Estado era praticamente inexistente, sustentadas por uma organização social de comunidade marcada por uma identidade comum.

Nesse contexto, as favelas surgiram como uma espécie de “novo cortiço”, um novo espaço identificado pelas elites como território da pobreza, da insalubridade, da violência e do tráfico de drogas. Valladares (2005) ressalta que todas as visões anteriormente associadas aos cortiços foram imediatamente transferidas para as favelas. Assim como os cortiços, as favelas passaram a ser vistas como um problema social a ser combatido e automaticamente como símbolo de atraso, representando um obstáculo aos planos de embelezamento da cidade, se tornando motivo de repúdio e preocupação por parte das elites e do governo carioca. Enquanto o asfalto era visto como sinônimo de ordem, a favela era vista como sinônimo de desordem. Como observa a autora, “Para ela [favela] se transfere o postulado ecológico do meio como condicionador do comportamento humano, persistindo a percepção das camadas pobres como responsáveis pelo seu próprio destino e pelos males da cidade” (VALLADARES, 2005, p. 28).

Para entendermos os principais acontecimentos desses espaços, até o final do século XX, recorreremos ao breve panorama de Valladares (2005, p. 23), que reconhece seis diferentes fases:

1ª) anos 1930 – início do processo de favelização do Rio de Janeiro e reconhecimento da existência da favela pelo Código de Obras de 1937; 2ª) anos 1940 – a primeira proposta de intervenção pública corresponde à criação dos parques proletários durante o período Vargas; 3ª) anos 1950 e início dos anos 1960 – expansão descontrolada das favelas sob a égide do populismo; 4ª) de meados dos anos 1960 até o final dos anos 1970 – eliminação das favelas e sua remoção durante o regime autoritário; 5ª) anos 1980 – urbanização das favelas pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) e pelas agências de serviço público após o retorno à democracia; 6ª) anos 1990 – urbanização das favelas pela política municipal da cidade do Rio de Janeiro, com o Programa Favela-Bairro.

É possível observar que apenas nos anos 30, durante a ditadura de Getúlio Vargas, a existência das favelas passou a ser reconhecida pelo Estado. Isso ocorreu por meio do Código de Obras de 1937, aprovado pela prefeitura do Rio de Janeiro, então sob a direção do Prefeito e Padre Olympio de Melo. Nesse período, surgiu, ao lado da perspectiva higienista, a percepção

da necessidade de melhorar as condições de vida dos moradores de favelas, opondo-se à solução única de sua destruição, que havia sido proposta nos anos anteriores. Assim, surgiu nos anos 1940 uma preocupação em conhecer a favela e seus habitantes, visando administrar e controlar esse território. Foram produzidos dados estatísticos oficiais para orientar de forma mais eficaz a ação do Estado e os primeiros estudos de caso sobre as favelas do Rio de Janeiro foram conduzidos, sendo o primeiro realizado pela assistente social Maria Hortência do Nascimento e Silva (1942) e o segundo pelo médico Victor Tavares de Moura (1943). Vale ressaltar que o primeiro estudo serviu de base para a política dos Parques Proletários em 1941-1943.

No entanto, os levantamentos de dados estatísticos realizados até então não descreviam de forma precisa e completa as reais características das favelas e de sua população. Foi somente em 1950 que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sob a direção de Alberto Passos Guimarães, apresentou um novo retrato das favelas, destacando “uma população ativa, predominantemente trabalhadora”, o que contradizia “os discursos anteriores sobre a preguiça e a ociosidade de seus habitantes” (VALLADARES, 2005, p. 70). Esse foi o momento em que a denominação “favela” se generalizou, pois, o estudo revelou que a presença de favelas não era exclusiva do Rio de Janeiro, mas era uma realidade nacional.

Desse modo, foram incluídos na conceituação de favelas os aglomerados humanos que possuísem, total ou parcialmente, as seguintes características:

1. *Proporções mínimas* – Agrupamentos prediais ou residenciais formados com unidades de número geralmente superior a 50;
2. *Tipo de habitação* – Predominância, no agrupamento, de casebres ou barracões de aspecto rústico típico, construídos principalmente de folhas de Flandres, chapas zincadas, tábuas ou materiais semelhantes;
3. *Condição jurídica da ocupação* – Construções sem licenciamento e sem fiscalização, em terrenos de terceiros ou de propriedade desconhecida;
4. *Melhoramentos públicos* – Ausência no todo ou em parte, de rede sanitária, luz, telefone e água encanada;
5. *Urbanização* – Área não urbanizada, com falta de arruamento, numeração ou emplacamento. (GUIMARÃES, 1953:249 *apud* VALLADARES, 2005, p. 68-69)

Ao longo do tempo, as favelas passaram por um processo de transformação que as retirou da invisibilidade anteriormente imposta pelo Estado, destacando-se nisso a Igreja Católica, que “para defender as favelas, criou em 1947 a Fundação Leão XIII e lançou em 1955, sob a iniciativa de Dom Helder Câmara, a Cruzada São Sebastião” (VALLADARES, 2005, p. 72). Embora ainda sejam frequentemente vistas como um problema, as favelas passaram, paulatinamente, a ser encaradas como algo a ser enfrentado e solucionado, em vez de serem simplesmente destruídas e, aos poucos, foram reconhecidas como locais de moradia de milhares de brasileiros e valorizadas como comunidade.

Com base no exposto na fundamentação teórica, avançaremos agora para a descrição do material e dos métodos utilizados para a realização de nossa análise.

3 METODOLOGIA

Para realizar nossa pesquisa acerca da visão veiculada em publicações na rede social *X* em relação à identidade linguística dos moradores de favela, adaptamos a metodologia desenvolvida na Monografia de Yasmim Cardoso Ribeiro Fernandes intitulada “ATITUDES LINGUÍSTICAS ACERCA DE VARIEDADE(S) NORDESTINA(S) EM TWEETS”. O presente capítulo expõe, então, a metodologia adotada e está dividido em duas seções: na primeira, discorreremos acerca do material de análise e do processo de estabelecimento do *corpus*; na segunda, descrevemos as categorias de análise estabelecidas, demonstrando seu processo de aplicação por meio de um exemplo de ficha de análise.

3.1 MATERIAL DE ANÁLISE E PROCESSO DE ESTABELECIMENTO DE *CORPUS*

Conforme abordado no primeiro capítulo, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a ocorrência do preconceito linguístico contra a identidade linguística dos moradores de favela a partir de um levantamento de *posts* de usuários da rede social *X*, antigo *Twitter*. A escolha se deu por possibilitar um levantamento de dados atuais, além das expressivas reações que os usuários costumam ter dentro dessa rede social.

A coleta de dados foi realizada durante o mês de março de 2024, quando foram reunidos 57 *posts* (incluindo respostas e *posts* originais), para a análise, por meio da utilização da Ferramenta de Captura disponibilizada pelo *Windows*. Os *posts* foram selecionados dentro de um período específico: inicialmente, foi considerado apenas o mês de fevereiro dos anos de 2020 a 2024. Ao perceber, coincidentemente, que fevereiro é o mês que possui menos dias no ano, resolvemos pesquisar também comentários realizados durante o mês de dezembro dos últimos quatro anos. O *corpus* foi estabelecido por meio da investigação das seguintes combinações de palavras-chave: (1) favela + língua; (2) favela + linguagem; (3) favela + falar; (4) favela + gíria; (5) favelado + língua; (6) favelado + linguagem; (7) favelado + falar; (8) favelado + gíria. Acreditamos que, se tivéssemos utilizado somente “favela” e “favelado” nossa busca alcançaria um âmbito bem mais amplo, não se atendo, especificamente, à visão acerca da identidade linguística dos moradores da favela. Assim, tanto a palavra-chave “favela” como a “favelado” foram adicionadas às palavras-chave “língua”, “linguagem”, “falar” e “gíria” porque acreditamos que, ao selecionar o material de análise com base nessas expressões, seriam encontrados *posts* mais específicos, relacionados ao preconceito linguístico.

A coleta de dados foi feita a partir da ferramenta de busca avançada, disponibilizada pela própria rede social *X*, que mapeia as publicações dos usuários que possuem perfil

desbloqueado, permitindo que o usuário filtre a sua pesquisa através de palavras-chave, conforme demonstrado a seguir:

Figura 1 - Ferramenta busca avançada do X

Busca avançada Buscar

Palavras

Todas estas palavras
Exemplo: o que está acontecendo · contém "o que está" e "acontecendo"

Esta frase exata
Exemplo: happy hour · contém a frase exata "happy hour"

Qualquer uma destas palavras
Exemplo: gatos cães · contém "gatos" ou "cães" (ou ambos)

Nenhuma destas palavras
Exemplo: gatos cães · não contém "gatos" e não contém "cães"

Fonte: X (2024)

Além das opções visualizadas na figura acima, a busca avançada também oferece os seguintes filtros de busca: a) uso de *hashtags*, b) buscar por qualquer idioma ou a seleção de um único idioma específico, c) *posts* de uma ou mais contas, d) menção a uma ou mais contas, e) incluir respostas e *posts* originais, f) mostrar somente respostas, g) incluir *posts* com links ou mostrar somente *posts* com links, h) número mínimo de respostas, curtidas e *reposts* e selecionar um intervalo de uma data (mês, dia e ano) até outra específica. Os códigos da ferramenta necessitam de modificações frequentes para incorporar uma nova busca, e como foram utilizados nesta pesquisa diversos códigos, iremos exemplificar através da primeira palavra-chave utilizada na busca referente ao ano de 2020: *favela + língua lang:pt until:2020-02-29 since:2020-02-01*. Então, quer dizer que onde está escrito “*favela + língua*” se utilizavam as palavras-chave desejadas, devido ao comando *lang:pt* seriam encontrados qualquer *post* em língua portuguesa (pt), *until* seria o último dia do mês desejado e *since*, indicaria o primeiro dia do mês.

É válido ressaltar que identificamos os usuários através de códigos para proteger seu anonimato a fim de evitar exposição, buscando manter a ética da pesquisa. Exemplificando, utilizamos “U01” em que U se refere à usuário e 01 à ordem em que o *post* foi encontrado. Assim, este procedimento foi adotado para todo o *corpus*.

Outro critério utilizado no processo de estabelecimento do *corpus* foi a seleção de publicações que abordassem, especificamente, a visão acerca da identidade linguística da

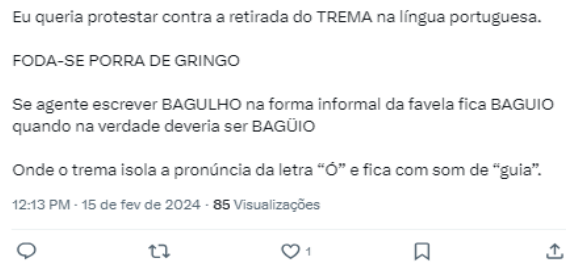
favela. Assim, foram descartados *posts* que não falassem sobre esse assunto, foco da análise. Abaixo, encontram-se alguns exemplos de *posts* descartados do *corpus* (os correspondentes às figuras 2, 3 e 4), porque a questão em foco é a ortografia, que não faz parte do sistema linguístico e não entra nos processos de variação linguística.

Figura 2 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica



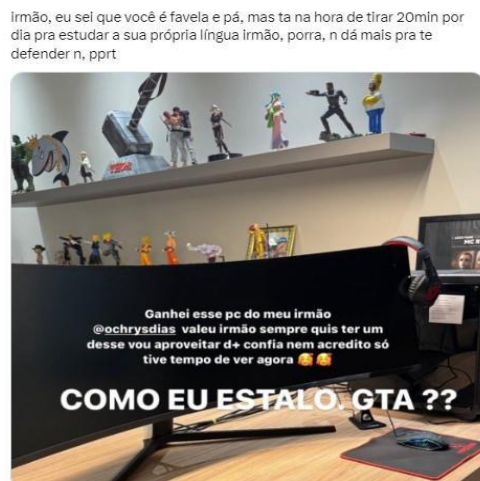
Fonte: X

Figura 3 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica



Fonte: X

Figura 4 - Post descartado, critério questão de natureza ortográfica



Fonte: X

Dessa forma, por também não se enquadrarem no segundo critério de análise, uma vez que não há uma associação direta explícita entre a questão da linguagem e a favela, foram descartadas as publicações registradas nas figuras 5 a 7, a seguir.

Figura 5 - Post descartado, critério sem relação direta entre a linguagem e a favela



Figura 6 - Post descartado, critério sem associação direta entre a linguagem e a favela

acho que a coisa que me dá mais vergonha ouvir e alguém falar (esse alguém=luís)

"nóis é favelado, favela, favela, favela, eu sou da FAVELAAAAA"

FAVELADO DE MAISSSSS

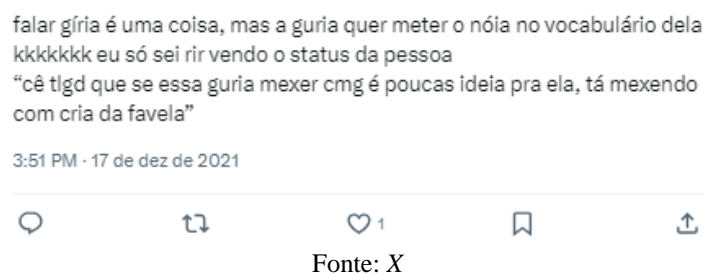
OLHA COMO É FAVELADO



23:32 · 13/02/2020 de Earth

Fonte: X

Figura 7 - Post descartado, critério sem associação direta entre a linguagem e a favela



Em suma, seguindo o procedimento apontado acima, nos concentramos apenas nos textos que se referiam especificamente às identidades linguísticas consideradas da favela pelos autores dos *posts*. Desse modo, reunimos os dados que aparecem registrados na tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Quantidade de posts reunidos de acordo com as palavras-chave selecionadas

Palavras-chave	Fevereiro					Dezembro			
	2020	2021	2022	2023	2024	2020	2021	2022	2023
favela + língua	0	1	0	2	2	0	0	0	3
favela + linguagem	1	3	0	2	0	1	0	0	1
favela + falar	0	0	0	0	0	0	0	0	1
favela + gíria	2	1	0	0	1	3	2	0	1
favelado + língua	0	0	1	0	0	0	0	0	0
favelado + linguagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0
favelado + falar	1	0	1	5	1	0	0	0	1
favelado + gíria	1	3	2	5	5	0	0	2	2
Total	<i>57 posts</i>								

Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível verificar na tabela 1 acima, no total conseguimos alcançar um conjunto de *57 posts*, sendo 40 referentes ao mês de fevereiro e 17 referentes ao mês de dezembro, que atendiam a todos os critérios estabelecidos para o processo de constituição do *corpus*. Percebemos, então, que, mesmo diante da escolha de buscar dados também referentes ao mês de dezembro por possuir 31 dias, conforme mencionado anteriormente, fevereiro teve mais publicações sobre o assunto em foco. Vale ressaltar que fevereiro é o mês do Carnaval, comumente associado a comunidades e época em que asfalto e morro se entrecruzam com intensidade nos eventos da cidade.

A partir do processo de composição do *corpus*, os *posts* foram, então, classificados, de acordo com as categorias de análise apresentadas na subseção 3.2 seguinte.

3.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta seção, utilizamos três das cinco categorias de análise adotadas na pesquisa de Fernandes (2023), enquanto as duas últimas, IV e V, foram desenvolvidas, especificamente, para este estudo.

Desse modo, as cinco categorias aplicadas a cada um dos *57 posts*, para a realização da análise desta pesquisa, foram:

- I. Presença de adjetivos ou caracterizações;

- II. Presença de referência a dados linguísticos;
- III. Presença de elementos não-verbais;
- IV. Presença expressa de citação;
- V. Presença de autodeclaração do autor/a como favelado.

O primeiro critério considerado é a presença (ou não) de adjetivos ou caracterizações nas publicações. Utilizou-se a indicação “sim” para representar a existência de um qualificativo, seja positivo ou negativo, e “não” para sua ausência. A partir dessa observação, torna-se possível compreender melhor as atitudes linguísticas dos usuários da rede social *X* em relação à identidade linguística dos moradores de favela. Em seguida, verificamos a presença (ou não) de referências a dados linguísticos específicos, nos textos selecionados. Posteriormente, o terceiro critério é a presença (ou não) de elementos não-verbais, visto que alguns internautas utilizaram tais elementos como forma de expressão, geralmente associados à linguagem verbal, para expor seu raciocínio. O quarto critério considerado é a presença expressa (ou não) de citação utilizada para enfatizar o assunto. Em alguns casos, os usuários postam apenas a citação como forma de expressar sua opinião sobre determinado assunto. Por fim, verificamos se o autor do *post* se autodeclara (ou não) favelado, uma vez que, em alguns casos, isso era informado de forma explícita, enquanto em outros não. Observamos que todos os autores que se autodeclararam favelados valorizaram sua identidade linguística.

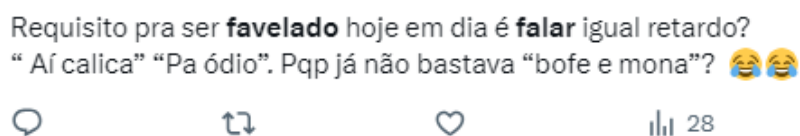
Com o intuito de exemplificar o processo de aplicação dos critérios de análise listados anteriormente, iremos apresentar o quadro-síntese de análise de um dos *posts* coletados (U16). Na sequência, será exibido o próprio *post*, identificado como Figura 8.

Quadro 1 - Quadro-síntese dos critérios de análise

Critérios de análise	Classificação
Presença de adjetivo ou caracterização	(x) Sim – “favelado” “retardo”
Presença de referência a dados linguísticos	(x) Sim – “aí calica” “pa ódio” “bofe e mona”
Presença de elementos não-verbais	(x) Sim – 😂 (<i>emoji</i> chorando de rir)
Presença expressa de citação	(x) Não
Autor se declara favelado	(x) Não

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 8 - Post U16



Fonte: X

O *post* identificado como U16 foi selecionado como exemplo para ilustrar como realizamos a análise do nosso *corpus*. Assim, podemos identificar a presença de adjetivo e caracterização: “favelado” e “falar igual retardado”. Há presença de referência a dados linguísticos, pois o usuário que fez a postagem explicita que um requisito para ser “favelado” hoje em dia é “falar igual retardado”, e que esses seriam os falantes que utilizam as expressões “aí calica”, “pa ódio” e “bofe e mona”; há presença também de elemento não-verbal, na forma do *emoji* 😂 chorando de rir; não há presença expressa de citação e o autor do *post* não se autodeclara favelado. A partir da consideração do texto verbal e não verbal, podemos entender que se faz um julgamento depreciativo em relação àqueles que utilizam as construções linguísticas mencionadas. Além disso, é possível identificar um tom de deboche e uma forma de ridicularização, evidenciados pelo *emoji* chorando de rir, direcionado às pessoas que empregam estas expressões.

Assim, os critérios de análise elencados, cuja aplicação foi exemplificada através do *post* U16, representaram as diretrizes norteadoras da análise desenvolvida, a qual está detalhada na próxima seção.

4 ANÁLISE

A finalidade desta seção é apresentar a análise realizada, a fim de identificar as atitudes linguísticas de usuários da rede social X em relação à identidade linguística dos moradores de favela. Durante a pesquisa para este trabalho, que envolveu a análise de 57 *posts*, encontramos uma série de publicações que se dividiram em dois posicionamentos principais. O primeiro associa opiniões e posições intitulando como “linguagem de favela”, “gíria de favelado” e “falar igual um favelado” qualquer falante que utilize expressões, ou qualquer outro traço de identidade linguística, considerados próprios da favela. Na direção oposta, o segundo posicionamento critica a generalização de enxergar ‘favelado’ como um estereótipo, como no exemplo “ideia de merda em colocar todo favelado em caixinha e nos desmerecer, a gente sabe falar, sabe andar, estuda...” (*post* de 23 de fevereiro de 2022; reproduzido de forma completa na Figura 12), que desmistifica a “noção de erro”, imposta a quem é da favela, por parte de indivíduos que baseiam sua noção de “erro” linguístico no senso comum, e não na teorização científica dos estudos da linguagem. A seguir, é possível verificar alguns exemplos desses dois grupos distintos de posicionamentos.

Figura 9 - Exemplo 1 de Grupo 1

Não vem falar igual um favelado comigo que eu não entendo essas gíria de nóia

1:51 AM · 15 de fev de 2023 · 61 Visualizações



Fonte: X

Figura 10 - Exemplo 2 de Grupo 1

2 de fev de 2021

alguem me fala oq siginifica "malado" e "sem brava"



Gíria de favelado

8:44 PM · 2 de fev de 2021

Fonte: X

Figura 11 - Exemplo 3 de Grupo 1

Falar igual favelado reduz a inteligência.

6:34 PM · 2 de dez de 2023 · 29 Visualizações



Fonte: X

Figura 12 - Exemplo 1 de Grupo 2

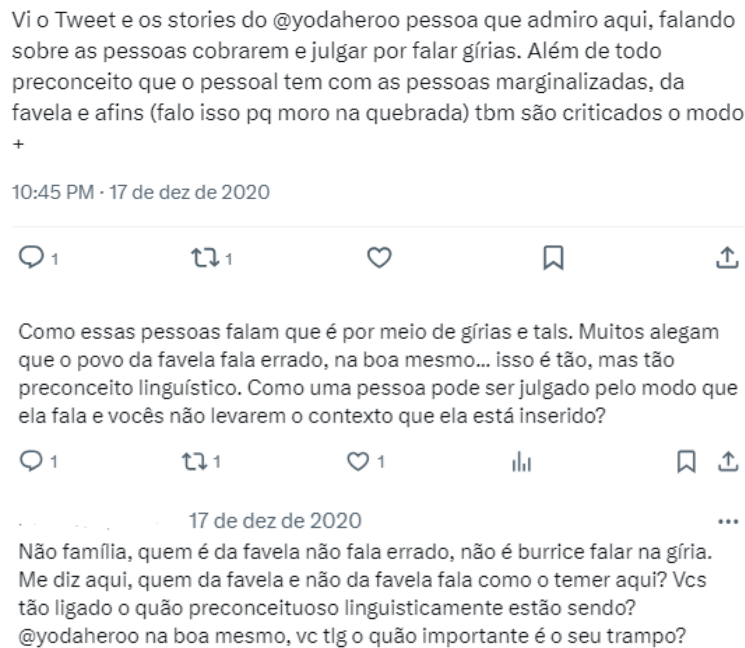
Ideia de merda em colocar todo favelado em caixinha e nos desmerecer, a gente sabe falar, sabe andar, estuda, trampa pra porra, e só conseguem ver o que querem ver.

3:10 PM · 23 de fev de 2022



Fonte: X

Figura 13 - Exemplo 2 de Grupo 2



Fonte: X

Conforme já apresentado no capítulo anterior, os 57 *posts* foram analisados considerando cinco critérios de análise:

- I. Presença ou não de adjetivos ou caracterizações;
- II. Presença ou não de referência a dados linguísticos;
- III. Presença ou não de elementos não-verbais;
- IV. Presença ou não expressa de citação;
- V. Presença de autodeclaração do autor/a como favelado.

Para apresentar os resultados do processo de aplicação dos critérios de análise, optamos por representá-los através de quadros acompanhados de textos, visando facilitar a visualização e interpretação das observações realizadas. No total, foram elaborados três quadros, um para cada um dos três primeiros critérios mencionados acima, organizados em ordem decrescente do número de ocorrências reconhecidas nas postagens dos usuários da rede X. Isso nos permitiu verificar quais tiveram a maior incidência e suas características. No caso dos critérios de análise “presença (ou não) expressa de citação” e “presença de autodeclaração como favelado”, não foram elaborados quadros, devido ao número bastante reduzido de ocorrências verificadas contendo esses elementos (citação e autodeclaração): três e cinco, respectivamente, como detalharemos ao longo da seção.

Reúnem-se, no quadro 2, abaixo, os adjetivos e caracterizações encontrados nos *posts* analisados nesta pesquisa. A segunda coluna do quadro registra o número de ocorrências e a terceira, os códigos dos *posts* em que aparecem os termos listados.

Quadro 2 - Resultado da aplicação do critério “presença de adjetivos ou caracterizações”

Adjetivos ou caracterizações	Nº de ocorrências	Código do post
“favelado”; “favelada”	35	U04; U11; U12; U16; U17; U18; U19; U20; U21; U22; U23; U24; U25; U26; U27; U28; U29; U30; U31; U32; U33; U34; U35; U36; U37; U38; U39; U40; U51; U53; U54; U55; U56; U57
“da favela”; “de favela”	20	U01; U03; U04; U07; U08; U09; U10; U11; U13; U14; U15; U25; U41; U44; U45; U46; U47; U48; U49; U52
“feio”; “feia”	4	U04; U19; U24; U48
“errado”	3	U04; U46; U49
“sem educação”; “mal educado”	2	U29; U51
“retardado”; “retardo”	2	U16; U54
“forçado”	2	U19; U54
“inteligente”	2	U21; U38
“preconceituoso”; “preconceituosa”	2	U09; U49
“maluco”	2	U06; U21
“marginal”; “marginalizadas”	2	U25; U49
“cheia de gíria”; “cheio de gíria”	2	U19; U51
“playba”; “de playboys”	2	U06; U21
“nojenta”; “nojento”	2	U45; U46;
“pior”	2	U45; U46;
“doida”; “doidas”	2	U09; U13
“de quebrada”; “da quebrada”	2	U08; U13
“branquinhas”; “brancos”	2	U25; U46
“bonitinha”	1	U48
“gambá da favela”	1	U50
“ridículo”	1	U51
“escrota”	1	U51
“maconheira”	1	U51
“animal”	1	U45
“bizarra”	1	U10

“nóia”	1	U20
“agressivo”	1	U13
“burro”	1	U34
“podre”	1	U39
“pobre”	1	U12
“legal”	1	U12
“ruim”	1	U19
“importante”	1	U49
“ideia de merda”	1	U21
“baranga”	1	U46
“suja”	1	U46
“sem o tempero”	1	U46
“sem melanina”	1	U46
“cheia de cocô”	1	U46
“analfabeta”	1	U46
“dominado”	1	U22
“de preto”	1	U25
“pejorativo”	1	U09;
“duvidosa”	1	U09;
“chato”	1	U05
“tóxico”	1	U05
“mau caráter”	1	U05
“boçal”	1	U05
“bosta”	1	U05
“dos esquecidos”	1	U05
“internacional”	1	U07
“formal”	1	U08
“criado na base de gírias”	1	U40
“cego”	1	U34
“de paty”	1	U28
“que mora na favela”	1	U29
“cria”	1	U54
“bravo”	1	U13
“avançada”	1	U44
“que nem um humano”	1	U45
“pianinho”	1	U01
“beleza”	1	U03
“que não aguento mais”	1	U02
“aceita”	1	U46
“defasado”	1	U05
“selecionadas”	1	U08
“tumultuado”	1	U54
“básico”	1	U43

“potentes”	1	U41
“físico”	1	U14
“preta”	1	U46
“visto como bandido”	1	U12
“ancestrais”	1	U03
“diversificado”	1	U06
“rica”	1	U26
“se veste mal”	1	U29
“negro”	1	U33
“engraçado”	1	U06

Fonte: Elaborado pela autora

Como pode ser observado no quadro 2, o adjetivo com o maior número de ocorrências nos *posts* foi “favelado/a”, com um registro de 35 ocorrências, sendo utilizado em 28 de forma pejorativa, desvalorizando a identidade linguística do favelado. Além disso, o segundo e o terceiro termo mais utilizados, sem combinação com o termo “favela” foram os qualificativos “feio/a” e “errado”, com 4 e 3 ocorrências, respectivamente. É importante destacar que os autores dos *posts* frequentemente usam o termo “errado” para generalizar que os moradores de favela falam de maneira inadequada. Por outro lado, “ridículo” foi um dos adjetivos com menor número de ocorrências, com apenas 1 ocorrência, ao lado de “podre”, “ruim”, “gambá da favela”, “nóia” e junto a outros 55 adjetivos ou caracterizações com a mesma quantidade de menções. Por fim, exemplificamos na figura 14, um *post* com o adjetivo “favelado”, o mais frequente do corpus, onde o autor do *post* expressa seu sentimento de ódio, ao considerar que quem fala como favelado, segundo ele, não falaria ‘igual gente’.

Figura 14 - Post U23

odeio quem fala como favelado cmg, aprende a falar igual gente porra

11:56 PM · 20 de fev de 2023 · 103 Visualizações



Fonte: X

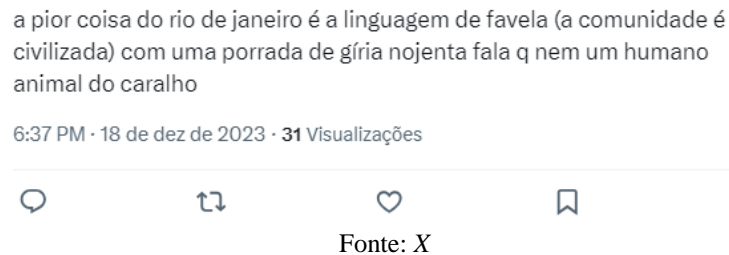
Os qualificativos “de favela” e “da favela” foram identificados em 20 ocorrências no total, sendo 12 delas referente a “de favela”. Nas figuras a seguir, podemos observar que enquanto no *post* U07 ocorre uma conversa em que os usuários não utilizam o qualificativo “de favela” de forma pejorativa, no *post* U45 a expressão é usada de maneira contrária, pois o usuário associa quem fala gíria a um animal, em um processo de desumanização semelhante ao presente no *post* U23. Vale ressaltar que o autor do *post* da figura 15 corrigiu posteriormente

que achava que se despedir com “fé” era nacional, não internacional conforme abaixo, tendo cometido um erro de digitação devido ao cansaço que sentia.

Figura 15 - Post U07

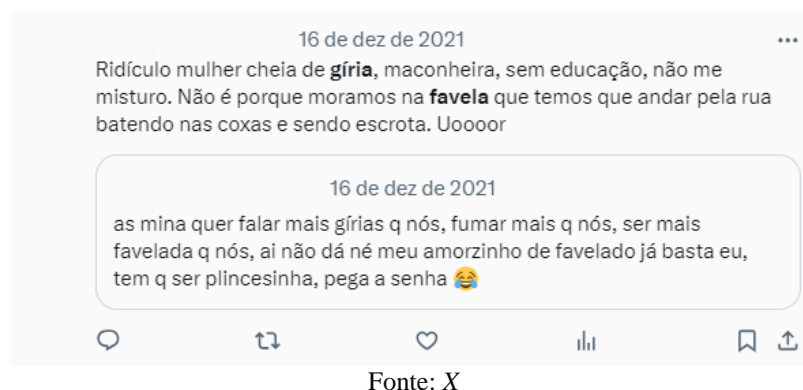


Figura 16 - Post U45



Dentre os dados coletados, foi possível observar que, algumas vezes, as expressões de preconceito linguístico deferidas por internautas contra a identidade linguística de moradores de favela eram validadas até mesmo pelos próprios moradores dessas comunidades, conforme evidenciado na figura 17 a seguir, com uma série de adjetivos associados a uma visão negativa.

Figura 17 - Post U51



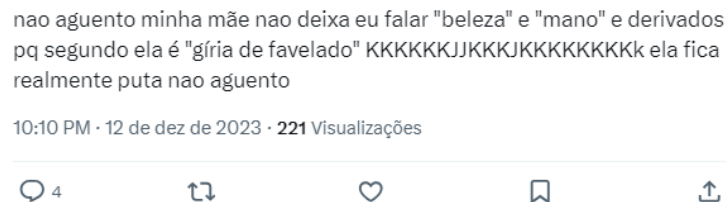
Os *posts* U55 e U56, reproduzidos nas figuras 18 e 19, revelam um contexto em que o adjetivo “favelado” aparece nas publicações como uma reprodução de um discurso alheio e não necessariamente como a opinião do autor.

Figura 18 - Post U55



Fonte: X

Figura 19 - Post U56



Fonte: X

Dando sequência à exposição dos resultados do processo de aplicação dos critérios de análise, reproduzimos, no quadro 3 abaixo, o levantamento acerca da presença de referência a dados linguísticos nos 57 *posts* analisados. Vale ressaltar que todos os quadros de registro da análise produzidos nesta pesquisa seguem a mesma lógica de organização do quadro 2, revelando, pela ordem: critério de análise, número de ocorrências e código do *post* em que aparecem.

Quadro 3 - Resultado da aplicação do critério “presença de referência a dados linguísticos”

Dados linguísticos	Nº de ocorrências	Código do post
“pprt”	3	U37; U52; U57
“mano”	2	U52; U56
“aí calica”	1	U16
“pa ódio”	1	U16
“bofe e mona”	1	U16
“grock”	1	U17
“melicia”	1	U17
“framengo”	1	U17
“beleza”	1	U56

“bixo de favela”	1	U12
“tocar”	1	U14
“fé”; “fé, tropa”	1	U07
“com todo respeito”	1	U15
“ainda”	1	U39
“malado”	1	U32
“sem brava”	1	U32
“aulas cria”	1	U25
“car d que”	1	U42
“é mermo”	1	U42
“tá ligado noix da tropa”	1	U42
“elas quer”	1	U46

Fonte: Elaborado pela autora

Observando os resultados documentados pelo quadro 3, fica evidente que o dado linguístico presente no maior número de ocorrências foi “pprt”, abreviação para “papo reto”, expressão usada para indicar que a pessoa está falando sério, sem brincadeiras, ou que está sendo direta, com 3 ocorrências. Podemos verificar que, nas três ocorrências (que compõem as figuras 20, 21 e 22 abaixo), “pprt” é estigmatizada e considerada “gíria de favelado” ou “gíria de favela”.

Figura 20 - Post U37



Gíria de favelado.

4:31 PM · 19 de fev de 2024 · 30 Visualizações

Fonte: X

Figura 21 - Post U52

Minha mãe mandou eu parar de falar gíria de favela perto dela (Eu só falei "mano" e "pprrt" na mesma frase 😞)

5:34 PM · 25 de dez de 2023 · 18 Visualizações



Fonte: X

Figura 22 - Post U57

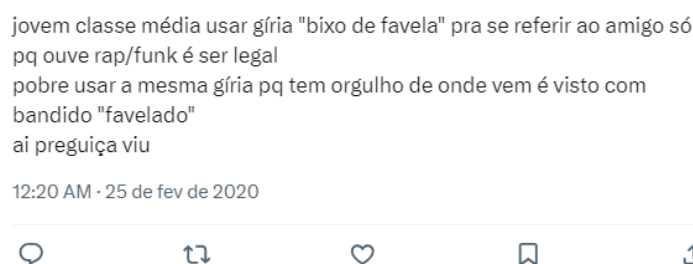


Fonte: X

Como podemos verificar, certas expressões são associadas a grupos estigmatizados pela sociedade, em geral, levando à sua rejeição ou até mesmo à discriminação contra aqueles que as usam. Mollica e Braga (2003, p. 52) afirmam “a forma estigmatizada é objeto de comentário jocoso ou rejeição explícita na comunidade discursiva”, conforme reconhecemos acima. Ambos os usuários da rede X, por meio dos textos reproduzidos nas figuras 20 e 22, perguntam o significado da abreviação “pprr”, e, nos dois casos, as respostas mencionam que se trata de uma “gíria de favelado”. É possível notar atitudes negativas dos autores dos posts em relação à linguagem considerada como a utilizada nas favelas, refletindo um preconceito linguístico e social acerca das variedades linguísticas denominadas como “gírias”.

Paralelamente a isso, no *post* U12, o autor da publicação em foco expõe que quando um jovem de classe média usa a “gíria bixo de favela” para se referir ao amigo, só porque esse escuta rap e funk, é considerado legal, mas se um pobre utiliza a mesma expressão por orgulho de suas raízes, é automaticamente rotulado como bandido e favelado. Isso nos remete ao que Bagno (2007) discute: o fato de que não importam as formas linguísticas empregadas, mas sim quem as está empregando. Se a expressão “bixo de favela” é usada pela classe dominante, é aceitável, mas se é usada por um grupo social marginalizado, não é.

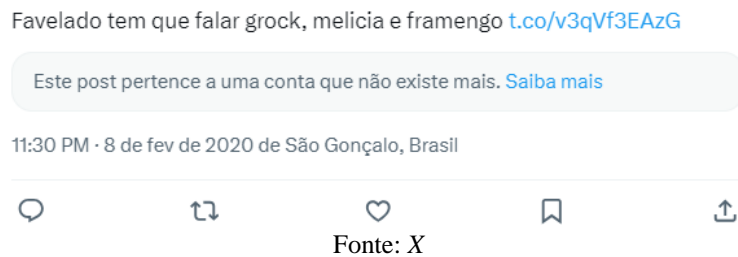
Figura 23 - Post U12



Fonte: X

Em seguida, considerando a ordem decrescente de ocorrências das formas linguísticas indicadas nos posts, temos o dado linguístico “mano” com 2 ocorrências; e os demais dados linguísticos, com apenas 1 ocorrência. Abaixo, podemos observar na figura 24, a presença de três dados linguísticos com relação aos quais o autor da publicação apresenta julgamento depreciativo, no que tange às pronúncias que atribui aos favelados: “grock”, “melicia” e “framengo”.

Figura 24 - Post U17



A publicação apresentada acima acaba reforçando o preconceito linguístico, através de um estereótipo criado socialmente e manifestado de diversas formas nos *posts* analisados. Neste caso, o autor da publicação afirma que os favelados devem falar as variantes estigmatizadas ‘grock’, ‘melicia’ e ‘framengo’. Esse tipo de afirmação perpetua preconceitos linguísticos que desvalorizam e marginalizam as formas de fala associadas a grupos socioeconômicos menos privilegiados, com menos acesso à educação formal, e conseqüentemente, com menos familiaridade com a norma-padrão e a norma culta do português. Conforme aponta Bagno (2007), muitas vezes, essas classes sociais não apenas têm menos acesso à educação, mas também enfrentam um ensino defasado quando têm acesso a ele.

Encerrando o conjunto de quadros que documentam o processo de análise, o quadro 4, abaixo, é composto pelo resultado do levantamento de elementos não-verbais presentes nos 57 *posts* analisados nesta pesquisa.

Quadro 4 - Resultado da aplicação do critério “presença de elementos não-verbais”

Elementos não-verbais	Nº de ocorrências	Código do post
😬	2	U43; U46
😏	2	U16; U51
Memes	2	U01; U09
😬	1	U52
😬	1	U55
😬	1	U14
👉	1	U19

☐	1	U47
😏	1	U47
✍️	1	U47
☐	1	U09
Foto	1	U06
Vídeo	1	U25

Fonte: Elaborado pela autora

Como aponta o quadro 4 acima, pudemos identificar elementos não-verbais concretizados através de *emojis*, memes, foto e vídeo. Os elementos não-verbais com mais ocorrências foram memes e os *emojis* “😏” e “😁”, com 2 registros. Todos os demais tiveram apenas 1 ocorrência. O *post* U01, ilustrado na figura 25, é representado por um meme da atriz Susana Vieira utilizado pelos usuários do X quando alguém fala algo óbvio, ou está sendo chato. O autor do *post* menciona que adora quando alguém o vê falando “gíria da favela” ou “dialeto mais regional sem as normas-padrão da língua portuguesa” e vem querer destratar-lo por conta disso. Vale ressaltar que “escaldar” corresponde a uma expressão que implica em destratar, ou até mesmo ofender alguém durante uma conversa. Então, o autor do *post* afirma que, quando isso ocorre, ele dá logo uma “carteirada” (um fora) e “ficam pianinho” diante de tal situação.

Figura 25 - Post U01

adoro qndo o povo me vê falando gíria da favela ou dialeto mais regional sem as normas padrão da língua portuguesa e vem querer me escaldar... dou logo carteirada e ficam pianinho. outro dia foi no uber... dei uma baixa até a terceira geração dele



13:32 · 13/02/2024 de Earth · 158 visualizações

Fonte: X

Figura 28 - Post U41

“Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. [...] E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou.”

Negó Bispo

8:52 AM · 4 de dez de 2023 · 17,5 mil Visualizações



Fonte: X

Já em relação ao critério “autodeclaração do autor como favelado” é possível observar o usuário da rede social que se autodeclara favelado, no *post* U34, enfatizando “nasci favelado”. Muitas vezes, características marcantes de um grupo, como expressões linguísticas próprias, que fazem parte da sua identidade linguística, acabam sendo rejeitadas por outros grupos que não compartilham da mesma linguagem. É importante frisar que essa rejeição não tem raízes linguísticas, mas sociais e é uma rejeição ao grupo, mais do que a formas linguísticas, como discutido ao longo desta pesquisa. Por fim, podemos observar que esse *post* também permite desmistificar um senso comum no Brasil, que associa o domínio de formas valorizadas da língua à ‘inteligência’.

Figura 29 - Post U34

Tem gente que acha que nós é burro pq nós fala na gíria, nasci favelado não cego.. tá moscando

3:51 PM · 16 de fev de 2022 de Palhoça, Brasil



Fonte: X

Em suma, nesta seção, contendo três quadros que reúnem os resultados do processo de aplicação dos critérios de análise aos 57 *posts* selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, fica notória a incidência de preconceito linguístico em grande parte dos *posts* dos usuários da rede social X examinados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, identificamos, a partir do *corpus* composto por 57 *posts*, a existência de dois posicionamentos principais: o primeiro, associando opiniões e posições pejorativas a qualquer falante que utilize “gírias” ou qualquer outro traço linguístico associado à favela,

enquanto o segundo critica a generalização imposta pelo primeiro grupo, desmistificando a “noção de erro” e de desconhecimento da língua, automaticamente atribuída a quem é da favela.

Ao longo da análise, realizamos o levantamento de todos os adjetivos e caracterizações utilizados para qualificar as identidades linguísticas atribuídas aos moradores de favela no *corpus* desta pesquisa. No total, o quadro foi composto por 91 adjetivos e caracterizações, sendo “favelado; favelada” e “de favela; da favela” os mais utilizados pelos internautas, com 35 e 20 ocorrências, respectivamente. Em sua maioria, os qualificativos foram utilizados de maneira pejorativa. Além disso, encontramos 22 dados linguísticos explicitamente mencionados em posts, sendo “pprt” o mais frequentemente citado nas publicações, com 3 ocorrências. Por fim, foram utilizados 13 elementos não-verbais nos *posts*, sendo memes e os *emojis* “😭” (chorando aos berros) e “😂” (chorando de rir) os mais frequentes, com 2 ocorrências cada.

Esperava-se que, no ambiente virtual da rede social X, diferentes variações linguísticas fossem aceitas por ser um espaço informal em que não se cobra obediência às diretrizes da gramática normativa. Mas, notou-se que acaba se observando o contrário disso, uma vez que, em sua maioria, ocorrem, nos *posts* analisados, manifestações ofensivas diretas em relação à identidade linguística atribuída aos moradores de favela, evidenciando o preconceito linguístico. Destacamos, ainda, a importância e a necessidade de desfazer estereótipos que desvalorizam determinadas formas de expressão linguística somente por fazer parte da identidade de determinado grupo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório.** Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Identidade linguística: o conceito em discussão. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 8, n. 16, p. 73–86, 2023. DOI: 10.20396/lil.v8i16.8673075. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673075>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Uma reflexão sobre atitudes linguísticas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 11, n. 22, p. 35–43, 2008. DOI: 10.20396/lil.v11i22.8664860. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8664860>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- COELHO, Izete Lehmuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERNANDES, Yasmim Cardoso Ribeiro. **ATITUDES LINGÜÍSTICAS ACERCA DE VARIEDADE(S) NORDESTINA(S) EM TWEETS.** Monografia (Graduação em Bacharel em Letras – Português/ Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- FERREIRA, Danrley. 2023. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMMuTS8k5>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- GENERALI, Sabrina Cancoro. **MV BILL E O DIÁLOGO DO TRÁFICO: MONITORAMENTO DE FALA, ESTILO, IDENTIDADE E PRECONCEITO LINGÜÍSTICOS.** 170 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- MARTELLOTA *et al* (org.). **Manual de Linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- PATEL, Gitanjali. **Série: Linguagem da Favela.** 2015-2016. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?tag=serie-linguagem-da-favela>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. – (Coleção de Linguística).
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela:** Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.